

REleituras

Outra beleza

Dawisson Belém Lopes

(Est)ética – Partir da filosofia de Platão dá bons subsídios para uma melhor apreensão do mundo das artes contemporâneo. Por intermédio de seu monismo ético, o pensador grego difundia entre os seus discípulos a idéia de que a busca da verdade – a verdade suprema, “harmônica e imutável” – era condição para o alcance do Ideal da Boa Comunidade. Essa verdade suprema, também conhecida como *sabedoria*, estava inacessível para os simples mortais. Competia aos filósofos, espíritos mais bem treinados, amigos e amantes do saber, alcançá-la. O mesmo Platão não via diferença alguma entre o “belo” e o “verbo”. A Verdade era a Beleza, a Beleza era a Verdade. A experiência da sabedoria era o único caminho possível para atingir-se o apuro estético superior – que, àquela altura, também se confundia com a noção do “sublime”. Não havia atalhos. Ética e Estética se sobrepunham. Em nota biográfica, Henri Bergson relata inclusive que Platão, antes da filosofia, conheceu a poesia e, por isso, teria optado pela forma dos *diálogos* na elaboração de seus escritos filosóficos [*Cursos sobre a Filosofia Grega*, Martins Fontes, 2005]. Árido e conceitual demais? É possível que sim. Tento solucionar esse problema no parágrafo seguinte.



Latinos in New York, Blacks in London – Há bem pouco tempo, lia um ensaio do antropólogo argentino García Canclini em que se narrava a relação de, digamos, “antropofagia” entre os curadores dos museus americanos e os artistas latinos. A questão girava em torno do seguinte dilema: recentemente valorizados pela especulação dos *marchands* do Norte, os *cucarachas* do Sul, com o intuito de exporem as suas obras nas prestigiosas galerias nova-iorquinas, acabavam fazendo concessões milimetricamente calculadas em sua “arte”, adequando-se, assim, aos padrões estéticos estadunidenses. Ao que se faziam mais aceitáveis para um paladar ianque, desfiguravam por completo a arte latina. Ao cabo, dessa dialética do oportunismo, o que se expunha nos MoMAs e Guggenheims da vida não era bem a arte latina, senão um arremedo disso, uma síntese frankensteiniana, uma “arte latina *apud* crítica americana”.

Interessante é que esse não é um relato isolado. Compartilhando a estória com um amigo, vim saber que na Inglaterra esse padrão de relacionamento se replicava – lá, os *marchands* e curadores influenciavam a “black art” africana, torcendo-a e deturpando-a. E, se paramos para pensar um instante, os exemplos se multiplicam. Que diabos de Brasil é aquele que, exultantemente, se “expõe” na França? Quão “brasileira” é a música que os *funkeiros* cariocas e os *roqueiros* paulistanos difundem na Europa e no Japão? Onde está a “brasilidade” da beleza de nossas *top models*? Desde que a Estética divorciou-se da Ética, esses fenômenos são cada vez menos incomuns. Em tempos de globalização, então...

Estética, não Estática – *O Jogo do Belo e do Feio*, de José Arthur Giannotti [Companhia das Letras, 2005], é lançamento de um dos intelectuais mais notórios deste país – seja por suas idéias filosóficas, seja por posições políticas assumidas, seja pelo gosto por polêmicas públicas. Neste ensaio, o professor decidiu-se por abandonar momentaneamente o porto seguro da filosofia política para ingressar em reflexões sobre um campo que, se não chega a constituir novidade em sua carreira, é, no mínimo, raramente visitado: a teoria estética. Discorrendo sobre a questão do “belo” e a sua relação com o mundo, Giannotti desenvolve a seguinte passagem:

Um objeto belo é um sistema de imagens que tanto captura variações de aspectos de uma coisa, de uma situação do mundo, como se apresenta para que seus próprios aspectos sejam explorados por um espectador. O juízo estético se tece nesse jogo entre o lado representativo e o lado apresentativo da imagem, esta se mostrando, pois, como arquivo do trabalho do artista e ainda como matriz daquelas atividades, mentais ou corporais, a ser desenvolvidas pelo espectador, convocado a mobilizar seu próprio aprendizado de ver variações de aspectos. Obviamente este não vê o quadro com olhos de artista, mas, possuindo ambas experiências em comum, não caminhariam para um acordo? Como se tece essa confluência? (...) Dizer que algo é belo equivale a julgar e, por conseguinte, a pôr e a seguir regras. (p. 81; 83)

A “beleza” surge, em Giannotti, do “jogo” estabelecido entre o signo artístico e a sua representação. Mas esse jogo – que conduz ao juízo estético – não é estático. O filósofo anota, adiante, que, da relação entre a imagem – representação – e o imageado – apresentação –, resultaram, no curso histórico, produtos tão distintos quanto a arte renascentista e o

cubismo, o naturalismo e o abstracionismo, o barroco e o minimalismo. Qual é o mais “bela”? Será possível dizer? Para o artista do século XV europeu, tudo se passa como se a imagem fosse sendo construída pelo variar das óticas, sem que a cena possa escapar de um *espaço absoluto*. A heterogeneidade dos aspectos vistos não corrói sua identidade ôntica. Já o cinema do século XX – lembra Giannotti – leva ao extremo essa multiplicação de ônticas, mercê da diversidade de suas técnicas de enquadramento e de montagem. O *espaço* ganha notação *relativa*, os personagens movimentam-se de modo nunca antes visto.

Em nome do *pathos* – De volta a um tema recorrente nos estudos internacionais, faço aqui um breve comentário sobre a maneira como os direitos humanos vêm sendo recepcionados e reclamados mundo afora. Originalmente concebidos como um mandamento ético para a vida em sociedade, estes acabaram metamorfoseados em “critérios” do direito positivo internacional. Em *Os Direitos Fundamentais e a Ética na Sociedade Atual* [Manole, 2005], Gregorio Robles, a esse mister, provoca:

O termo “critério” tem uma conotação de neutralidade conscientemente buscada. Um critério pode ser correto ou incorreto, acertado ou não; o que o define é o fato de constituir uma pauta de decisão, uma linha de argumentação para realizar algo prático. Um critério é um ponto de vista a respeito de como se deve atuar em determinada esfera da atividade humana. (...) Os critérios podem ter relação com ideais, ainda que não tenha de ser necessariamente assim. Em todo caso, quando utilizamos o termo critério em referência aos direitos humanos, o que se aponta é a idéia de que todos esses constituem pautas gerais para a conduta e para a decisão. (...) Quando dizemos que os direitos humanos são critérios morais, estamos afirmando que constituem pautas de deliberação de caráter moral que devem ser levadas em conta no momento da adoção de decisões políticas e jurídicas. Seu caráter moral está na referência a aspectos transcendentais da vida dos indivíduos, a aspectos que afetam o ser moral do homem, sua dignidade e sua liberdade. Portanto, o fundamento último dos direitos humanos tem de ser o fundamento moral. (p. 11-12)

Por terem sido estetizados, transformados na “bela” bandeira de 9 entre cada 10 ativistas políticos da contemporaneidade, os direitos humanos correm o seriíssimo risco de ter a sua própria substância moral subtraída ou diluída, vindo desempenhar os *dirty deeds* de certos Estados na cena internacional, ao falarem em nome de um humanismo que esconde, sob os seus véus, os interesses espúrios da política de poder e influência. O desacoplamento entre a forma jurídica e a carga ética dos direitos humanos é fenômeno a que muitos parecem desatentos, e que, não obstante, é sintomático do vício do esteticismo que acomete as nossas sociedades. Sacrifica-se a essência em favor do “critério”, o *ethos* em favor do *pathos*. Para acompanhar a evolução da axiologia jurídica nos últimos dois mil anos, eu chamaria a atenção para o título *História da Filosofia do Direito*, de Jean-Cassien Billier e Aglaé Maryioli [Manole, 2005]. A narrativa fluida e bastante abrangente ajuda a clarear as idéias e perceber, com mais nitidez, a alardeada armadilha por que estão ameaçados os direitos humanos hoje. Isso tudo em menos de 500 páginas – o que, por si só, já é uma proeza.

Refresco visual – A tela seguinte se chama *O boi esfolado*. Foi pintada em 1655 por Rembrandt, e está exposta no Museu do Louvre, em Paris. Um primor, não? Eu a batizo, para os propósitos desta coluna, de *Outra Beleza*.



AS OBRAS:

- **BERGSON, H.** *Cursos sobre a Filosofia Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- **GIANNOTTI, J. A.** *O Jogo do Belo e do Feio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- **ROBLES, G.** *Os Direitos Fundamentais e a Ética na Sociedade Atual*. São Paulo: Manole, 2005.
- **BILLIER, J.-C. e MARYIOLI, A.** *História da Filosofia do Direito*. São Paulo: Manole, 2005.